

Atuação da enfermagem na assistência de crianças com transtorno do espectro autista

Guilherme de Souza Costa¹
Maria Fernanda Crespo Vieira dos Anjos¹
Marília Lima Alves¹
Rute Thayanne Oliveira Souza¹
Taís Belém da Silva Carvalho¹
Thalita de Lima Cabral da Conceição¹
Aisiane Cedraz Moraes²

Resumo

Objetivos: descrever a atuação da enfermagem na assistência de crianças com o Transtorno do Espectro Autista por meio das evidências científicas. **Metodologia:** trata-se de uma revisão integrativa, elaborada a partir de um estudo descritivo e exploratório. A busca pelos artigos ocorreu por meio do banco de dados Biblioteca Virtual em Saúde Brasil (BVS). **Resultados:** foram utilizadas 11 publicações realizadas nos últimos cinco anos (2016-2021). Emergiram três categorias: 1- Conhecimento dos Enfermeiros sobre Transtorno do Espectro Autista; 2- Assistência de Enfermagem à Criança com TEA; e 3- Dificuldades na abordagem da criança com TEA, as quais apontam a dificuldade na identificação do TEA, bem como na assistência, associados a limitação do conhecimento sobre o TEA entre os profissionais da enfermagem. **Conclusão:** Há uma limitação na assistência da enfermagem a respeito do TEA, associado a pouca ou nenhuma abordagem da temática desde a formação. Assim, torna-se essencial que seja oportunizado aos profissionais a formação contínua sobre o TEA; de modo que possam oferecer o acompanhamento necessário às crianças autistas nas Unidades Básicas de Saúde, envolvendo inclusive as famílias.

Palavras-chave: Autismo; Enfermagem; Assistência.

Abstract

Objectives: to describe the role of nursing in the care of children with Autism Spectrum Disorder through scientific evidence. **Methodology:** this is an integrative review, based on a descriptive and exploratory study. The search for articles was carried out using the Brazilian Virtual Health Library (VHL) database. **Results:** 11 publications made in the last five years (2016-2021) were used. Three categories emerged: 1- Nurses' knowledge about Autism Spectrum Disorder; 2-

¹ Discentes do Curso de Graduação em Enfermagem pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)-BA, Bolsistas do Núcleo Interdisciplinar sobre Vulnerabilidades e Saúde (NIEVS).

² Professora Adjunta do Departamento de Saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, Pesquisadora do NIEVS.

Nursing Assistance to Children with ASD; and 3- Difficulties in approaching children with ASD, which point to the difficulty in identifying ASD, as well as in care, associated with limited knowledge about ASD among nursing professionals. Conclusion: There is a limitation in nursing care regarding ASD, associated with little or no approach to the subject since training. Thus, it is essential that professionals be provided with continuous training on ASD; so that they can offer the necessary follow-up to autistic children in Basic Health Units, including involving families.

Key-words: Autism; Nursing; Assistance.

Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por uma alteração neurológica que compromete algumas habilidades como interação social, comunicação verbal e não verbal, além do uso da imaginação e repetições nos comportamentos. Estudos evidenciam que os primeiros sinais de autismo prevalecem nos primeiros anos de vida havendo a possibilidade de ser diagnosticado precocemente, associado a isso há uma prevalência quatro vezes maior entre os meninos do que as meninas (Araújo, Nascimento e Dutra, 2019, p. 31-35). Neste sentido, há a necessidade da atuação da equipe multiprofissional para o diagnóstico e tratamento contínuo de crianças com TEA, além da atuação dos familiares na observação de comportamentos, relatos de vivência e evolução dessa criança (Nunes *et al*, 2020).

O enfermeiro como profissional inserido na equipe deve se atentar aos sinais expostos pela criança, gestos nas quais ela produz e como ela se relaciona com o meio em que vive ainda na fase de diagnóstico para que seja o mais precoce possível, auxiliando no atendimento médico. Já na fase do tratamento é importante a atuação do profissional de enfermagem na garantia do bem-estar da criança, orientação à família sobre o tratamento e como essa criança pode evoluir ao longo do tempo, esclarecendo dúvidas e apoiando durante o processo (Abreu *et al*, 2020).

Apesar dos estudos sobre a temática terem se expandido recentemente, ainda há um déficit de informação sobre como assistir essas crianças, sobretudo esse problema tem origem na formação dos estudantes da graduação em enfermagem. Nessa ótica (Camello *et al*, 2021, p. 1210-1216), é discutido o papel do enfermeiro como atuante na equipe multiprofissional e no papel de

educador em saúde orientando e promovendo a saúde da comunidade, sendo assim é crucial que o enfermeiro tenha um conhecimento prévio advindo da graduação que possa identificar sinais no desenvolvimento infantil que estejam ligados ao TEA e prestar a assistência adequada ao paciente e a família.

Somado a isso, a escola exerce um importante papel na assistência de crianças suspeitas ou diagnosticadas com TEA. É evidenciado que os professores em paralelo com a família são os primeiros a perceber sinais autísticos em crianças durante a vivência escolar com o olhar observador e detalhista. Em conjunto ao exposto anteriormente, a integração saúde-educação é um grande facilitador para compartilhar as atividades com a criança de forma dinâmica, há a necessidade da criação de um vínculo direto escola- serviço de saúde para melhor encaminhamento e detecção precoce de crianças com sinais de TEA para que não haja atrasos e que possa incluir os professores como agentes permanentes no tratamento e acompanhamento desses pacientes/alunos (Couto *et al*, 2019, p. 1-7).

Sendo assim, o objetivo deste artigo é descrever a atuação da enfermagem na assistência de crianças com o Transtorno do Espectro Autista por meio das evidências científicas.

Métodos

Trata-se de uma revisão integrativa, descritiva e exploratória; tendo como delimitação a atuação de enfermagem junto ao transtorno do espectro autismo a partir das evidências científicas. A revisão integrativa é um método de pesquisa utilizado na área da saúde e tem permitido dar visibilidade à contribuição da Enfermagem para a melhoria da prestação de cuidados e é denominada integrativa porque fornece informações amplas sobre um assunto/problema; possibilitando um abrangente corpo de conhecimento, de rigor metodológico (Sousa *et al*, 2017, p. 17-26).

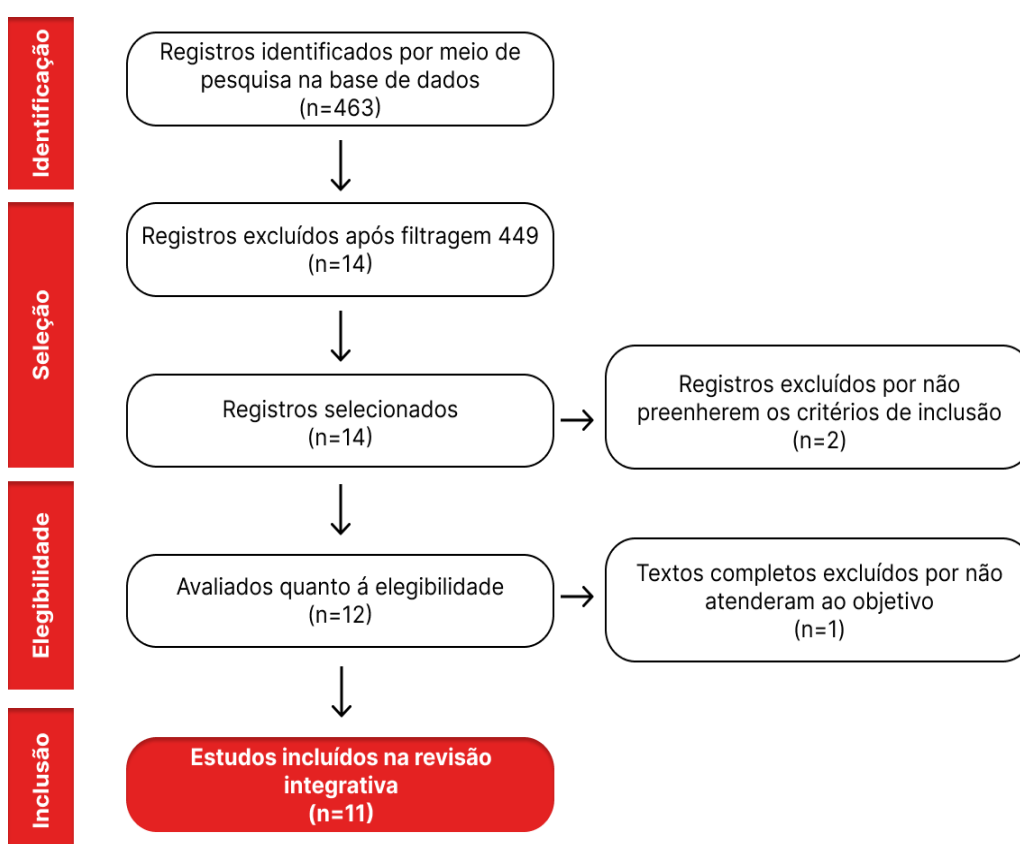
A busca pelos artigos ocorreu no mês de julho de 2022, por meio do banco de dados Biblioteca Virtual em Saúde Brasil (BVS), utilizando os descritores “Autismo” e “Enfermagem”, cruzando-os com o operador boleando *and*.

Como critério de inclusão foram utilizados: publicações realizadas nos últimos cinco anos (2016-2021), em português e disponíveis na íntegra. Como

critério de exclusão adotou-se: publicações incompletas ou estruturadas como uma revisão de literatura, além de trabalhos de conclusão de curso e tese de mestrado/doutorado.

Foram identificadas 463 publicações, sendo 449 eliminadas após filtragem, de modo a compor o corpus com 14 artigos selecionados. Dos artigos selecionados, dois foram excluídos por não preencher os critérios de inclusão. 12 artigos foram avaliados quanto à elegibilidade, sendo um excluído por não atender ao objetivo, totalizando 11 estudos incluídos na revisão integrativa. Apresenta-se, a seguir, o fluxograma de busca e seleção das publicações.

Figura 1. Fluxograma de busca e seleção de estudos.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2022

Para análise dos dados empíricos, utilizou-se a técnica de Análise de Conteúdo de Bardin⁷, que incluiu as diferentes fases da análise de conteúdo: 1) a pré-análise, 2) exploração do material e 3) o tratamento dos resultados.

Emergiram três categorias: 1- Conhecimento dos Enfermeiros sobre Transtorno do Espectro Autista; 2- Assistência de Enfermagem à Criança com TEA; e 3- Dificuldades na abordagem da criança com TEA.

Por ser uma pesquisa que não envolve coleta de dados com seres humanos, não houve necessidade de apreciação em Comitê de Ética em Pesquisa. Porém, destaca-se que todos os conceitos e análise dos autores dos estudos primários selecionados foram respeitados e devidamente referenciados.

Resultados

A etapa final deste estudo foi constituída pelos 11 artigos selecionados seguindo os critérios de inclusão, predominantemente composto por estudos descritivos, ambos presentes na mesma base de dados (BVS) e pertinentes quanto ao assunto adotado, evidenciando problemáticas e situações recorrentes à assistência e cuidados do profissional da enfermagem para com a criança que faz parte do espectro autista. O quadro 1 representa as especificações de cada estudo utilizado para o desenvolvimento da pesquisa.

Quadro 1. Caracterização das publicações quanto autor, objetivos, tipo de estudo e principais resultados

Autores/Ano	Objetivos	Tipo de estudo	Principais resultados
CAMELO, IM et al. 2021	Verificar o nível de conhecimento dos acadêmicos do curso de Enfermagem de uma universidade pública sobre o Transtorno do Espectro Autista.	Quantitativo, descritivo.	A maioria dos acadêmicos não conheciam a faixa etária mais provável para identificar os primeiros sinais de autismo, mas conseguiram identificar os sintomas nucleares do TEA. 65% negaram haver correlação entre o nível socioeconômico e o transtorno. De acordo com 4% dos estudantes, todos os autistas são superdotados e para 98% o autismo não é causado por vacina. A maioria dos acadêmicos afirmaram não ter recebido conhecimento suficiente na graduação sobre o tema. Todos

			concordaram na falta de conscientização sobre o TEA entre profissionais da saúde.
CORRÊA, IS; GALLINA, F; SCHULTZ, LF. 2021	Descrever o conhecimento da enfermeira da Estratégia da Saúde da Família (ESF) sobre indicadores para a triagem do TEA e sua experiência na aplicabilidade na consulta de puericultura.	Descritiva, qualitativa.	Concluiu-se que as enfermeiras desconhecem os instrumentos de triagem para TEA. As participantes descreveram como de fácil utilização e relataram também a sua relevância
FERREIRA, ACSS; FRANZOI, MAH. 2019	Analisar o conhecimento dos estudantes de Enfermagem de uma universidade pública sobre os Transtornos do Espectro do Autismo (TEA).	Quantitativo, descritivo.	Evidenciaram-se os meios de comunicação como a principal fonte para a aquisição de informações sobre os TEA pelos estudantes. Apontaram como principais alterações dos TEA as dificuldades nas interações sociais, o comprometimento na comunicação e o uso da linguagem verbal e não verbal, além de altas habilidades cognitivas. Verificou-se que 90,8% não se sentem seguros para atender pessoas com TEA.
BONFIM, TA et al. 2020	Descrever a vivência da família no processo de descoberta do diagnóstico e início do tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista.	Qualitativo, descritivo.	Dificuldades enfrentadas pela família durante o processo de identificação, diagnóstico e tratamento da criança com TEA. O papel da família e escola na identificação do comportamento atípico da criança, bem como a

			escola enquanto norteadora da família para a avaliação do filho. Além disso, o sentimento da família perante o diagnóstico e perspectivas de estimulação da criança
HOFZMANN, RRR et al. 2019	Conhecer a experiência dos familiares no convívio de crianças com TEA.	Qualitativo com abordagem exploratória.	Explicita as principais observações comportamentais relatadas pelos familiares das crianças com TEA, bem como as atitudes frente a tais atipicidades da idade. Aponta as experiências frente ao diagnóstico, reações e dificuldades. Evidencia a falta de participação ativa das Unidades Básicas de Saúde e envolvimento do profissional de Enfermagem.
RENDON, DCS et al. 2019	Desvelar sentidos de mães na convivência com filhos acometidos pelo TEA.	Qualitativa.	Propõe a perspectiva de aprendizado que as mães tiveram com os filhos com TEA, transformando-as como pessoas. Além de apontar os desafios enfrentados pelas mesmas e sentimentos de falta de acolhimento.
SOUSA, BSA et al. 2018	Descrever uma reflexão acadêmica acerca da enfermagem no cuidado da criança autista no ambiente escolar.	Descritivo, do tipo relato de experiência.	Formação humanizada do enfermeiro, capacitando-o para intervir e promover assistência adequada para a criança com TEA, além de acolher e orientar os pais. Também ressalta dificuldades de inserção

			social e principalmente educacional dessas crianças, devido às faltas de materiais, especialização profissional e educação inclusiva e de qualidade.
SOELTL, SB; FERNANDES, IC; CAMILO, SO. 2020	<p>Analisar, com base nos princípios abordados na Teoria do Cuidado Humano, o conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos TEA e a abordagem do tema durante a formação profissional.</p>	Descritivo, de abordagem qualitativa.	Descreve o conhecimento de enfermagem sobre o TEA, abordando o cuidado humanizado, adaptado e individualizado que deve ser prestado à criança autista para o desenvolvimento do seu bem-estar e das habilidades de comunicação e interação social.
MAPELLI, LD et al. 2018	<p>Conhecer a experiência da família no cuidado da criança com Transtorno do Espectro Autista e discutir possibilidades de cuidado em saúde.</p>	Descritiva, qualitativa.	Aborda a família como primeiro meio de socialização das crianças com TEA e as implicações do diagnóstico e da manifestação dos sintomas nas relações familiares - entre os irmãos, cônjuges e pais - e extra familiares por meio de relatos de familiares de pacientes.
RODRIGUES, PMS et al. 2017	<p>Aplicar o processo de enfermagem da teoria do autocuidado, de Dorothea Orem, e utilizar a Social Stories como ferramenta de aprendizagem aliada à teoria do</p>	Qualitativo, descritivo.	Traz os benefícios do emprego da ferramenta "Social Stories" nas consultas de enfermagem para o desenvolvimento do autocuidado, da independência e da autonomia da criança por meio do estímulo de habilidades motoras e

	autocuidado pela criança com Transtorno do Espectro Autista.		sensoriais.
FRANZOI, MAH et al. 2016	Relatar a experiência da aplicação da música como tecnologia de cuidado a estas crianças em um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil.	Relato de experiência.	Relata a importância da musicoterapia na redução do estresse e ansiedade, além de promover o relaxamento, estimular a linguagem, socialização e expressão da criança autista por meio das consultas lúdicas de enfermagem com o brincar.

Discussão

Categoria 1: Conhecimento dos Enfermeiros sobre Transtorno do Espectro Autista

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição que afeta tanto o indivíduo quanto a sua família, e que pode ser agravada pela falta de conhecimento dos profissionais em identificá-lo. Apesar de não existir cura, o diagnóstico e as intervenções precoces são essenciais para tornar a pessoa autista mais independente e melhorar a qualidade de vida, na medida em que possibilita o estímulo do desenvolvimento cognitivo, da fala e nos aspectos afetivos e emocionais, além de preparar a família para a futura luta diária (Camello *et al*, 2021, p. 1210-1216).

No entanto, se faz necessário que os profissionais de saúde tenham uma base de conhecimento adequada para poder ofertar os devidos cuidados e acompanhamento nas Unidades Básicas de Saúde para com as crianças autistas, para que dessa maneira, a criança não seja exposta à ausência da participação dos profissionais de enfermagem na assistência ao longo do desenvolvimento do indivíduo com esse transtorno.

Nessa mesma perspectiva, os estudos apontam que os profissionais da enfermagem referem receio e insegurança para lidar com crianças com TEA devido à falta de conhecimento, obtido por uma minoria em especializações ou

estágios extracurriculares, o que revela que, nos ambientes acadêmicos de graduação em Enfermagem, pouco se estuda sobre o assunto (Ferreira e Franzoi, 2019, p. 51-60). Fundamentado nisso, faz-se pertinente fomentar discussões sobre a temática que contribuam para instrumentalizar os estudantes de Enfermagem durante sua formação para cuidar de pessoas com TEA.

O enfermeiro, portanto, deve ser capacitado para intervir junto à criança, com formação humanística, a fim de intervir de acordo com seu potencial e limitação para que possa adquirir sua autonomia. Também é importante ter conhecimento para reconhecer os sinais e sintomas para diferenciar transtornos e proporcionar a assistência de forma mais efetiva, além de acolher e orientar os pais durante o tratamento dos filhos e promover práticas integrativas entre a família para fortalecer os vínculos e interação social entre os mesmos (Sousa *et al*, 2022, p. 163-170).

Categoria 2: Assistência de Enfermagem à Criança com TEA

É fundamental identificar os sinais do TEA em bebês com idade entre 6 a 24 meses. Alguns comportamentos nessa idade presumem o diagnóstico de TEA, como a falta de interesse por outras pessoas, dificuldade em apontar, seguir ou mostrar objetos, déficits em processos sensoriais e ausência de contato ocular. Diante desse contexto, é evidenciado ainda mais a importância da atuação da enfermagem e da equipe multidisciplinar de atenção à criança, na Estratégia Saúde da Família (ESF), como fundamental para triagem e identificação dos sinais de autismo precocemente (Correa, 2021, p. 282-295).

O diagnóstico do autismo é clínico e realizado por meio da observação do comportamento da criança autista, escuta dos pais e/ou cuidadores e aplicação de instrumentos específicos de avaliação comportamental, como o ADI-R, CARS, ASQ e M-CHAT, os quais podem ser utilizados nas consultas de rotina por profissionais de saúde. É a partir do diagnóstico médico que a equipe multiprofissional consegue traçar um plano terapêutico que colabore para o pleno desenvolvimento dessa criança.

Todavia, é perceptível, na literatura vigente, que o atendimento de enfermagem é de suma importância para o diagnóstico e intervenções no TEA, além de ser a porta de entrada para os serviços de saúde, fazendo-se necessário

que o enfermeiro seja coparticipante na linha de frente dos cuidados prestados a esse usuário (Soeltl, Fernandes e Camillo, 2021).

A conduta da enfermeira no cuidado à criança com autismo deve ser individualizada, haja vista, embora haja um padrão comportamental apresentado por essas crianças, as manifestações desse transtorno se dão de formas diferentes em cada sujeito. Também, é imprescindível que o acolhimento seja humanizado, sempre visando a identificação das demandas e o estabelecimento do vínculo com o paciente para desenvolver uma relação de confiança entre o usuário e o profissional, para que este o ajude a ser protagonista no processo de melhoria da sua saúde (Soeltl, Fernandes e Camillo, 2021).

Além disso, a família e a escola desempenham um importante papel durante o processo de identificação de alterações no comportamento e desenvolvimento das crianças, uma vez que as mães atribuíam tais condutas e modos de agir como uma característica pessoal do filho. Nessa perspectiva, a escola foi essencial para o processo de encaminhamento e orientação à procura de instituições especializadas para avaliação da criança, além de algumas providenciarem professores auxiliares para acompanhar a criança na sala (Bonfim, 2020, p. 1-7).

Utilizado pela primeira vez por Florence Nightingale no século XIX, a musicoterapia é uma intervenção não medicamentosa que se encontra na Classificação de Intervenções de Enfermagem - *Nursing Intervention Classification* (NIC). Sua utilização é reconhecida pelo COREn-SP para uso por enfermeiros, embora não sejam musicoterapeutas. Essa terapia não convencional ajuda na redução da ansiedade e no desenvolvimento da linguagem, da socialização e da autoexpressão da criança autista.

Embora pouco utilizada pelos profissionais de enfermagem no Brasil nas Unidades Básicas de Saúde, há boa adesão da proposta pelos enfermeiros dos Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi), permitindo que o autista explore, se expresse, tenha novas experiências, mude o comportamento e interaja, desenvolvendo, assim, o brincar e, conseqüentemente, as relações com outras crianças, garantindo um cuidar em enfermagem lúdico ao paciente com autismo (Franzoni *et al*, 2016).

A partir de uma visão mais psicológica em torno da temática, as mães de filhos com TEA passam por um processo de sensibilização, desenvolvimento da percepção mais acentuada e capacidade de respeitar o tempo das crianças, bem como o conhecimento acerca do autismo, sendo aplicado não só para auxiliar os próprios filhos, como o de outras mães (Rendon *et al*, 2019).

O diagnóstico médico é outro ponto a ser ressaltado, uma vez que é permeado por diversos sentimentos, principalmente medo, tristeza e dificuldade de aceitação, já que o assunto era desconhecido e causava temor pelo futuro dos filhos. Por outro lado, também promovia a sensação de alívio ao compreender os comportamentos atípicos da criança, fornecendo um direcionamento para procurar informação, tratamento, entender seus direitos por assistência à saúde adequada e especializada (Bonfim, 2020, p. 1-7).

Também é válido compreender as diversas formas que o diagnóstico pode afetar a rotina familiar, devido à necessidade do cuidado especializado e atenção à criança, comprometimento financeiro por conta dos gastos envolvidos, mas também se ressalta a aprendizagem envolta no processo de tratamento e convivência com a criança autista, enfatizando a valorização de pequenas vitórias frente à evolução no seu desenvolvimento (Hofzmann, 2019, p. 64-69).

Há, no entanto, diversas formas de estimular a autonomia e independência da criança autista para estimular seu autocuidado, como por exemplo o emprego do Social Stories, o qual consiste numa estratégia estimuladora de novas habilidades por meio de cartazes que ensinam e orientam os autistas nas atividades básicas como banhar-se sozinhos. Tal técnica deve ser utilizada pelos profissionais de saúde nas consultas de rotina ou de acompanhamento para incentivar as crianças com TEA a serem sujeitas ao processo (Hofzmann, 2019, p. 64-69).

Além disso, deve-se orientar os pais e cuidadores a lançarem mão deste material para reforçar tais comportamentos em casa, possibilitando, assim, que o autista exerça o autocuidado conforme seu potencial e sua limitação (Rodrigues *et al*, 2017).

Ainda, destaca-se que o enfermeiro deve colaborar na identificação das terapias recrutadas pelas famílias, visto que é de sua competência possuir um olhar holístico-científico para observação e confirmação clínica nas consultas na

atenção primária, contribuindo para o progresso das terapias complementares (Viana *et al*, 2020, p. 1-9).

Categoria 3: Dificuldades na abordagem da criança com TEA

Os profissionais que realizam o acompanhamento do crescimento e desenvolvimento infantil na atenção primária à saúde encontram-se despreparados para identificar os sinais e sintomas do TEA. Por esse motivo, há dificuldades no processo de diagnóstico. Visto isso, a família desenvolve um sentimento de culpa, desesperança e negação durante o processo de diagnóstico e, conseqüentemente, incerteza acerca da terapêutica proposta pelos profissionais. Portanto, é necessário que estes estejam cientes acerca das diretrizes diagnósticas do TEA para oferecer uma intervenção adequada.

Além do mais, existem também as dificuldades de inserção social da criança com TEA (Sousa *et al*, 2022, p. 163-170), até mesmo nas escolas, uma vez que muitos professores não possuem especialização para oferecer uma educação direcionada e garantir a qualidade de ensino ou sequer adequações de materiais para facilitar o processo de aprendizagem. Sendo assim, existe a necessidade de uma escola com bases na diversidade e com educação inclusiva e de qualidade.

Frente a isto, a família da criança com TEA cria a expectativa do desenvolvimento da independência na adultez. Entrementes, a terapia medicamentosa utilizada aumenta a sonolência e limita a autonomia por reduzir o senso crítico e a capacidade de discernimento, apesar de os antipsicóticos - muitas vezes prescritos - reduzirem os sintomas a agressivos e a irritabilidade, permitindo a socialização com outras pessoas (Mapelli *et al*, 2018).

Além do comprometimento financeiro, a família encontra dificuldades nas questões relacionais entre si e com a sociedade. Primeiramente, a mãe fica encarregada dos cuidados principais à criança autista, enquanto ao pai é atribuída a responsabilidade de sustento do lar, o que dificulta sua participação nas consultas de acompanhamento, crescimento e desenvolvimento infantil e, conseqüentemente, a sua aceitação do diagnóstico. Para tanto, faz-se necessária a criação de políticas públicas trabalhistas que protejam e possibilitem a inclusão do pai nestas atividades.

Além disso, é importante citar as relações entre os irmãos, os quais, devido à atenção demasiada que é dada ao autista, desenvolvem o sentimento de ciúmes por se sentirem rejeitados pelos pais. Em segundo lugar, a família vivencia, também, um isolamento social devido ao preconceito sofrido nos ambientes frequentados, barrando a oportunidade do indivíduo autista desenvolver sua independência frente aos relacionamentos com seres fora do contexto familiar (Mapelli *et al*, 2018).

Alguns estudos evidenciam, por meio de relatos das famílias, a falta de participação efetiva das Unidades Básicas de Saúde no atendimento e acompanhamento dos filhos, devido à demora no agendamento de consultas e exames pelo Sistema Único de Saúde. Também é enfatizado a falta de envolvimento do profissional da Enfermagem no processo pré e pós diagnóstico de TEA, sendo relatado pelas famílias a inexistência da atuação dos enfermeiros (Hofzmann, 2019, p. 64-69).

Limitações do estudo

A limitação deste estudo concentra-se por se tratar de uma revisão integrativa; que, apesar de trazer evidências científicas, não realizou pesquisa de campo para trazer novas e/ou diferentes práticas. Assim, sugere-se que novas pesquisas sejam realizadas em diferentes contextos da atuação de enfermeiros junto ao TEA.

Contribuições para a prática

A contribuição deste artigo relaciona-se com a ampliação do conhecimento teórico sobre a temática para estudantes e profissionais da área de saúde; pois, é perceptível que no campo teórico há uma escassez de publicações que destacam o enfermeiro no tratamento de crianças com TEA.

Considerações finais

A partir do exposto, ficou evidente a importância do conhecimento sobre a temática no sentido de (in)formação para enfermeiros e profissionais de saúde, considerando a prevalência do TEA entre as crianças na atualidade.

Destaca-se a necessidade do cursos de enfermagem criarem um espaço favorável ao debate e estudos científicos sobre o TEA, ao tempo em que os serviços de saúde possam implantar educação continuada em saúde com essa temática, de modo que possa qualificar e/ou atualizar profissionais para assistir uma criança com TEA.

Portanto, é importante formação continuada para um treinamento específico para os enfermeiros e equipe, para atentar-se aos sinais que a criança com TEA apresenta, alertando aos pais e a sociedade, bem como fortalecendo a assistência na atenção primária à saúde, pelo acesso mais ampliado para acompanhamento do desenvolvimento infantil.

Referências

ABREU, F.P. et al. Assistência de enfermagem ao paciente com diagnóstico de autismo: relato de caso. *Anais III JOIN/Edição Brasil Campina Grande: Realize Editora*, 2017. Acesso em: 10 de jul 2022. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/join/2017/TRABALHO_EV081_MD4_SA50_ID1525_12092017132615.pdf.

ARAÚJO, C.M.; NASCIMENTO, J.S.; DUTRA, W.L. O papel do enfermeiro na assistência à criança autista. *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde*. v. 1, n. 3: 31-35, 2019. Acesso em: 8 de jul 2022. Disponível em: <https://revistarebis.rebis.com.br/index.php/rebis/article/view/186>.

BONFIM, T.A. et al. Vivências familiares da descoberta do Transtorno do Espectro Autista: implicações para a enfermagem familiar. *Revista Brasileira de Enfermagem*. v. 73, suppl. 6: 1-7, 2020. Acesso em: 10 de jul 2022. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0489>.

CAMELLO, I.M. et al. Percepção dos acadêmicos de enfermagem sobre autismo. *Enfermagem em Foco*. v. 12, n.6: 1210-1216, 2021. Acesso em: 10 de jul 2022. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2021.v12.n6.4890>.

CORRÊA, IS et al. Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras. *Revista de APS*, 2021; 24 (2): 282-295. Acesso em: 10 de jul 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/32438>.

COUTO, C.C. et al. Experiências de professores com o autismo: impacto no diagnóstico precoce e na inclusão escolar. *Revista Eletrônica de Enfermagem*. 21:55954: 1-7, 2019. Acesso em: 10 de jul 2022. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.5216/ree.v21.55954>.

FERREIRA, A.C.S.S.; FRANZOI, M.A.H. Conhecimento de estudantes de enfermagem sobre os transtornos autísticos. *Revista de Enfermagem*. v. 13, n. 1: 51-60, 2019. Acesso em: 10 de jul 2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1006011>.

FRANZONI, M.A.H. et al. Intervenção musical como estratégia de cuidado de Enfermagem a crianças com Transtorno do Espectro do Autismo em um centro de atenção psicossocial. *Texto Contexto Enfermagem*. v. 25, n. 1:e1020015, 2016. Acesso em: 10 de jul 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-070720160001020015>.

HOFZMANN, R.R. et al. Experiência dos familiares no convívio de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). *Enfermagem Foco*. v. 10, n. 2, 2019. Acesso em: 10 de jul 2022. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2019.v10.n2.1671>.

MAPELLI, L.D. et al. Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar. *Escola Anna Nery*. v. 22, n. 4: e20180116, 2018. Acesso em: 10 de jul 2022. Disponível em: DOI: 10.1590/2177-9465-EAN-2018-0116.

NUNES, A.K.A. et al. Assistência de enfermagem à criança com autismo. *Research Society and Development*. v.9, n 11: e86991110114-e86991110114, 2020. Acesso em: 8 de jul 2022. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i11.10114>.

RENDON, D.C.S. et al. Convivência com filhos com Transtorno do Espectro Autista: desvelando sentidos do ser-aí-mãe. *Revista Baiana de Enfermagem*. v. 33:e31963, 2019. Acesso em: 10 de jul 2022. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.18471/rbe.v33.31963>.

RODRIGUES, P.M.S. et al. Autocuidado da criança com espectro autista por meio das Social Stories. *Esc Anna Nery*. v. 21, n. 1: e20170022, 2017. Acesso em: 10 de jul 2022. Disponível em: DOI: 10.5935/1414-8145.20170022.

SANTOS, F.M. Resenha análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. *Rev Eletrônica Educ [Internet]*. v. 6, n. 1: 383-387, 2012. Acesso em: 27 de out 2022. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.14244/%2519827199291>.

SOELTL, S.B.; FERNANDES, I.C.; CAMILLO, S.O. O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano. *ABCS Health Sci*. 46:e021206, 2021. Acesso em: 10 jul 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.7322/abcshs.2019101.1360>.

SOUSA, B.S.A. et al. A Enfermagem no cuidado da criança autista no ambiente escolar. *Saúde e Pesquisa*. v. 11, n. 1: 163-170, 2022. Acesso em: 10 de jul 2022. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/6033>.

SOUSA, L.M.M. et al. A metodologia de revisão integrativa da literatura em Enfermagem. *Revista Investigação em Enfermagem*. n. 21, série 2: 17-26,

2017. Acesso em: 27 de out 2022. Disponível em:
<http://www.sinaisvitais.pt/images/stories/Rie/RIE21.pdf#page=17>.

VIANA, A.L.O. et al. Práticas complementares ao transtorno do espectro autista infantil: revisão integrativa da literatura. *Enfermagem em Foco*. v. 11, n. 6, 2020. Acesso em: 27 de out 2022. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2020.v11.n6.3258>.